

## Confluências da Etnomusicologia com a Linguística Aplicada em pesquisas sobre o samba

Jean Moura

[jean\\_mouraa@hotmail.com](mailto:jean_mouraa@hotmail.com)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar as confluências (Bispo, 2023) entre a Etnomusicologia e a Linguística Aplicada, tanto no que diz respeito aos seus construtos teórico-metodológicos quanto aos desafios políticos e epistemológicos que atravessam esses campos. O artigo propõe uma aproximação entre os campos, partindo do pressuposto de que ambas as áreas não compreendem a linguagem e/ou a música como técnicas neutras ou construtos abstratos, mas como práticas sociais situadas (Lühning e Tugny, 2016; Haraway, 1995). Para isso, desenvolve-se uma análise comparada a partir de uma pesquisa de doutorado em andamento, realizada nas favelas Chapéu-Mangueira e Babilônia, no Rio de Janeiro, que toma a prática comunitária do samba como eixo de investigação. Conclui-se que a Etnomusicologia e a Linguística Aplicada compartilham potências epistêmicas capazes de confrontar o colonialismo acadêmico, ao trazerem para o debate científico sujeitos e práticas historicamente subalternizados, como os povos e as expressões culturais da diáspora africana.

**Palavras-chave:** Etnomusicologia. Linguística Aplicada. Samba. Chapéu-Mangueira e Babilônia

## Confluencias de la etnomusicología con la lingüística aplicada en la investigación sobre la samba

**Resumen:** Este artículo analiza las confluencias (Bispo, 2023) entre la etnomusicología y la lingüística aplicada, tanto en sus constructos teórico-metodológicos como en los desafíos políticos y epistemológicos que las atraviesan. Se propone una aproximación entre ambas disciplinas, partiendo de la premisa de que no conciben el lenguaje ni la música como técnicas neutras o constructos abstractos, sino como prácticas sociales situadas (Lühning y Tugny, 2016; Haraway, 1995). Para ello, se desarrolla un análisis comparativo basado en una investigación doctoral en curso, llevada a cabo en las favelas de Chapéu-Mangueira y Babilônia, en Río de Janeiro, que toma como eje de estudio la práctica comunitaria de la samba. Se concluye que la etnomusicología y la lingüística aplicada comparten capacidades epistémicas capaces de confrontar el colonialismo académico, al incorporar al debate científico sujetos y prácticas históricamente subyugados, como los pueblos y las expresiones culturales de la diáspora africana.

**Palabras clave:** Etnomusicología. Lingüística Aplicada. Samba. Chapéu-Mangueira y Babilônia.

## Intersections between Ethnomusicology and Applied Linguistics in Research on Samba

**Abstract:** This article aims to analyze the confluences (Bispo, 2023) between Ethnomusicology and Applied Linguistics, both in terms of their theoretical and methodological constructs and the political and epistemological challenges that traverse these fields. The article proposes an approximation between the two fields, based on the premise that neither area understands language and/or music as neutral techniques or abstract constructs, but rather as situated social practices (Lühning & Tugny, 2016; Haraway, 1995). To this end, a comparative analysis is developed based on an ongoing doctoral research project conducted in the Chapéu-Mangueira and Babilônia favelas in Rio de Janeiro, focusing on the community practice of samba. It is argued that Ethnomusicology and Applied Linguistics share epistemic potentials capable of confronting academic colonialism by bringing historically subalternized subjects and practices—such as those of the African diaspora—into scientific debate.

**Keywords:** Ethnomusicology. Applied Linguistics. Samba. Chapéu-Mangueira and Babilônia.

## **Introdução**

A música é um tipo de linguagem? A pergunta, longe de encontrar uma resposta consensual, revela tensões importantes sobre os modos como diferentes campos do conhecimento compreendem tanto a música quanto a linguagem. Se, por um lado, a música pode ser observada como uma forma de linguagem – na medida em que organiza signos sonoros dotados de sentidos culturais e estéticos que comunicam e atuam socialmente –, por outro, essa aproximação não se dá sem controvérsias, sobretudo quando se questionam os limites das categorias analíticas que utilizamos para compreendê-la.

É no contexto dessas tensões que se insere o diálogo entre a Etnomusicologia e a Linguística Aplicada. Ambos os campos, especialmente em suas vertentes críticas e interdisciplinares, têm contribuído para deslocar concepções tradicionais de música e linguagem, ao compreendê-las não como sistemas abstratos ou técnicas neutras, mas como práticas sociais situadas (Lühning e Tugny, 2016; Haraway, 1995). Tal perspectiva torna-se particularmente relevante quando nos voltamos para práticas culturais como o samba, entendido aqui em uma perspectiva afrodiaspórica (Gilroy, 2001; Gonzales, 1982; Hall, 2003; Martins, 2021; Sodré, 2002), nas quais festa, memória, ancestralidade e pertencimento se articulam de maneira indissociável.

Assim como a Etnomusicologia tem sido frequentemente compreendida como uma antropologia ou etnografia da música (Merriam, 1964; Seeger, 1992), a Linguística Aplicada, sobretudo em sua vertente indisciplinar (Moita Lopes, 2006), também pode ser pensada como um campo que investiga a linguagem a partir de sua inserção em práticas sociais e culturais. Nessa perspectiva, a noção de letramento é ampliada para além de formas escolarizadas e hegemônicas, incorporando práticas vernaculares que emergem de contextos comunitários e que produzem sentidos, identidades e formas próprias de conhecimento (Lopes et al., 2017).

É nesse movimento que práticas como o samba passam a ser compreendidas não apenas como expressões culturais, mas também como formas de produção e inscrição de conhecimento. Autores como Antônio Bispo (2023) e Leda Maria Martins (2021) contribuem para essa ampliação ao evidenciar como a vida comunitária, a festa e a música podem ser entendidas como práticas de letramento, nas quais múltiplos sujeitos participam da construção de narrativas, memórias e pertencimentos.

Este artigo se insere nesse debate ao propor uma análise comparada entre a Etnomusicologia e a Linguística Aplicada, visando aproximar os campos, a partir de uma pesquisa de doutorado em andamento realizada nas favelas Chapéu-Mangueira e Babilônia, na zona sul do Rio de Janeiro. O estudo toma como objeto a prática comunitária do samba, com foco no bloco carnavalesco Aventureiros do Leme, fundado em 1978, buscando compreender os diferentes letramentos que emergem dessa experiência em uma perspectiva pós/decolonial.

A investigação se desenvolve a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter etnográfico, baseada na experiência de campo nas comunidades mencionadas. O trabalho envolve observação participante, escuta de narrativas – compreendidas como práticas performativas de linguagem – e análise de práticas culturais ligadas ao samba, com especial atenção às letras dos sambas do bloco Aventureiros do Leme. Além disso, a pesquisa inclui a produção de um videodocumentário, por meio do qual se busca registrar e interpretar dimensões sonoras, visuais e narrativas da experiência de campo. A inserção do autor no campo, enquanto morador e participante dessas práticas, constitui elemento central da pesquisa, ao mesmo tempo em que demanda um esforço contínuo de reflexão sobre essa posição.

Como forma de situar empiricamente essa discussão, realizamos um levantamento em anais do Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ENABET), no qual identificamos a recorrência significativa do termo “samba” em diferentes edições do evento. Paralelamente, analisamos edições da Revista Música e Cultura (ABET) e da Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), observando aproximações e distanciamentos nas abordagens do tema nos dois campos.

A partir dessas considerações, o artigo se organiza em quatro movimentos. Na primeira seção, *Interface e confluência: disputas de linguagem e produção de conhecimento*, problematizamos a noção de interface e propomos a confluência como chave teórico-metodológica para a leitura do samba em perspectiva decolonial. Em seguida, analisamos a produção da Etnomusicologia sobre o samba, evidenciando seu papel como tema central no campo, bem como as disputas e deslocamentos que atravessam essa produção. Na terceira seção, voltamo-nos à Linguística Aplicada, destacando que o samba passa a ser reconhecido mais recentemente como tema relevante, especialmente no contexto de pesquisas como a desenvolvida sobre o bloco Aventureiros do Leme que ampliam a noção de linguagem. Por

fim, acompanhamos o bloco Aventureiros do Leme como prática situada, articulando as discussões anteriores ao contexto etnográfico da pesquisa e evidenciando o samba como linguagem, memória e forma de inscrição coletiva.

### **Interface e confluência: disputas de linguagem e produção de conhecimento**

Este artigo parte da noção de “interface”, frequentemente mobilizada para mediar encontros entre áreas do conhecimento. Derivada do latim *inter-facies* – entre faces –, a ideia de interface remete a zonas de contato, diálogo e inter-relação entre campos, saberes e práticas. O termo é polissêmico e circula, por exemplo, no campo da tecnologia musical, em dispositivos como a “interface de áudio”, responsável por mediar o processo de gravação e reprodução sonora, conectando mundos analógicos e digitais. Essa dimensão mediadora torna a noção de interface inicialmente sedutora para pensar o próprio gesto deste artigo.

No entanto, ao longo da reflexão aqui proposta, argumenta-se que a categoria “confluência” (Bispo, 2023) se mostra mais produtiva para pensar o samba em perspectiva afrodiaspórica. Sem descartar completamente a ideia de interface, interessa-nos tensioná-la a partir de um deslocamento conceitual que leve em conta outras formas de pensar tempo, espaço e linguagem. Assim, mais do que operar por mediação entre partes previamente dadas, a confluência permite pensar encontros como processos de transformação mútua, nos quais os elementos envolvidos não permanecem intactos.

Importa destacar que “interface” e “confluência” não são termos equivalentes. Ao compreendermos linguagem e música como práticas situadas (Lühning; Tugny, 2016; Haraway, 1995), ou ainda, seguindo Ludwig Wittgenstein (2022), que o significado de uma palavra está em seu uso, torna-se difícil sustentar a existência de sinônimos absolutos. Cada palavra – assim como cada prática musical – carrega consigo historicidades, disputas e modos específicos de inscrição no mundo. Do mesmo modo, como indica Walter Benjamin (2011), toda tradução é necessariamente incompleta, uma vez que não há reprodução plena de sentido entre contextos distintos.

É nesse contexto que se insere a noção de confluência, tal como elaborada por Nego Bispo (2023). Para o autor, a disputa pelos sentidos das palavras – aquilo que denomina “guerra de denominações” – constitui um campo central de enfrentamento à colonialidade. Ao propor a “contracolonização da língua do inimigo”, Bispo nos convida a enfraquecer palavras

hegemônicas e potencializar outras, deslocando seus usos e efeitos. Nesse movimento, confluência não se reduz a um encontro entre elementos distintos, mas se configura como força que amplia, transforma e produz novos arranjos de existência. Nas palavras o autor: “quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Bispo, 2023, p. 4 - 5).

Termos como “encruzilhada”, mobilizados por Leda Maria Martins (2021), já indicavam, em outros registros, a potência de pensar encontros afrodiaspóricos como espaços de multiplicidade e tensão. Ainda que distintos, esses conceitos compartilham a capacidade de desafiar a organização disciplinar moderna, propondo formas outras de sistematizar saberes. É nesse sentido que a noção de confluência se apresenta, neste artigo, como mais adequada para pensar o samba, não apenas como objeto cultural, mas como prática de linguagem que articula múltiplos tempos, sujeitos e territórios.

Ao assumir a confluência como categoria central, este artigo propõe não apenas uma aproximação entre Etnomusicologia e Linguística Aplicada, mas um modo específico de ler o samba como prática de linguagem. Ao articular esses campos, argumenta-se que as pesquisas sobre o samba tendem a “render mais”, uma vez que o tema já ocupa lugar central na Etnomusicologia, enquanto seu reconhecimento na Linguística Aplicada como forma de linguagem tem crescido significativamente nas últimas décadas.

Essa confluência permite compreender como música, corpo e memória operam conjuntamente em situações concretas, nas quais o sentido não está dado previamente, mas se produz na própria experiência. Essa perspectiva se apoia, entre outros materiais, em sambas produzidos no contexto do bloco Aventureiros do Leme, como “Mutirão”, composto por Gibeon de Brito e Luiz Henrique para o carnaval de 1986, mobilizado aqui como registro e atualização de uma experiência coletiva. Tanto a análise da letra do samba quanto a observação das performances narrativas de seus compositores, bem como a própria leitura do autor, são mobilizadas como fontes para a construção do argumento. Argumenta-se que esse tipo de abordagem polissêmica se beneficia de categorias que privilegiam a fluidez da análise, como a noção de confluência, em contraste com a ideia de interface, que pode sugerir a fixação de fronteiras ou dicotomias.

É nessa confluência que o samba pode ser compreendido como um “sujeito coletivo”, tensionando formas hegemônicas de racionalidade, como aquela descrita por Herbert Marcuse

(1982) ao tratar do “homem unidimensional”. Ao invés de uma linguagem reduzida à técnica e à funcionalidade, o que se observa é a permanência de usos polissêmicos, afetivos e comunitários da linguagem, que não apenas comunicam, mas produzem modos de existência. A confluência, nesse sentido, não é apenas um conceito, mas uma força que se realiza na própria prática.

Não por acaso, práticas como o samba foram historicamente apropriadas, silenciadas ou subalternizadas, como no processo de sua incorporação como símbolo nacional. A colonialidade, nesse contexto, não opera apenas no plano econômico ou político, mas também na regulação dos modos de significar o mundo. Como apontam Quijano (2005), Mignolo (2003) e Maldonado-Torres (2007), a colonialidade do poder, do saber e do ser se articula diretamente às formas pelas quais determinados conhecimentos são legitimados, enquanto outros são desqualificados ou apagados. A colonialidade do saber diz respeito aos regimes que organizam a produção do conhecimento, enquanto a colonialidade do ser refere-se à “experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem” (Maldonado-Torres, 2007, p. 128). Nesse sentido, como afirma Walter Mignolo (2003), linguagem e conhecimento são indissociáveis, de modo que disputar a linguagem é também disputar formas de ser e de conhecer.

Assim, no contexto do sistema colonial, a valorização de determinadas formas de linguagem em detrimento de outras opera como instrumento de dominação. A ênfase na escrita, como discute Leda Maria Martins (2021), sustenta uma dicotomia entre oral e escrito que produz relações de poder desiguais, funcionando como estratégia de exclusão de povos cujas formas de produção de conhecimento se apoiam em performances corporais, como é o caso de populações indígenas e afrodiáspóricas. Ao mesmo tempo, é nesse plano que se organizam práticas de resistência:

Apesar de toda a repressão, o que a história nos ostenta é que, por mais que as práticas performáticas dos povos indígenas e dos africanos fossem proibidas, demonizadas, coagidas e excluídas, essas mesmas práticas, por vários processos de restauração e resistência, garantiram a sobrevivência de uma corpora de conhecimento que resistiu às tentativas de seu total apagamento, seja por sua camuflagem, por sua transformação, seja por inúmeros modos de recriação que matizaram todo o processo de formação das híbridas culturas americanas (Martins, 2021, p. 35).

É nesse contexto que o samba emerge – não apenas como expressão cultural, mas como prática que inscreve e atualiza essas formas de conhecimento. Ao mobilizar corpo, ritmo, memória e coletividade, o samba tensiona hierarquias impostas pela colonialidade e

afirma outras formas de produzir e partilhar sentidos. Nesse movimento, a confluência entre Etnomusicologia e Linguística Aplicada se mostra produtiva não apenas por aproximar campos, mas por compartilhar um compromisso com a análise dessas práticas como modos legítimos de conhecimento, historicamente desvalorizados pela tradição acadêmica. Devemos reconhecer, portanto, que ambos os campos estão disputando o uso da linguagem/música.

### **O samba na Etnomusicologia: centralidade, disputas e deslocamentos**

A etnomusicologia é um campo de pesquisa relativamente recente no Brasil. A Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET), por exemplo, foi fundada em 2001, embora debates sobre música em perspectiva etnográfica já estivessem presentes desde as décadas de 1970 e 1980 (Lühning; Tugny, 2016). Em pouco mais de três décadas de inserção no meio acadêmico, o campo tem contribuído para deslocar formas hegemônicas de pensar a cultura brasileira e suas expressões musicais em diferentes contextos sociais. Nesse processo, a Etnomusicologia tem se constituído como um campo fortemente atravessado por perspectivas de/pós/contra-coloniais, ao valorizar os saberes e modos de pensar-fazer de populações historicamente subalternizadas, como indígenas e afrodiáspóricas. Como aponta Samuel Araújo em entrevista à Vincenzo Cambria ela é capaz de enfrentar relações de hegemonia (Cambria, 2017).

Essa hegemonia se manifesta, por exemplo, na própria noção de “música”. Como argumenta Araújo (2016), o termo não é universal nem neutro, mas uma construção situada, historicamente imposta a outras práticas e saberes. Nesse processo, determinadas formas musicais foram hierarquizadas, enquanto outras foram deslegitimadas ou enquadradas em categorias como “folclore” ou “cultura popular”. Nesse sentido, a música dita “superior” – associada, no contexto global recente, à cultura do homem branco, heterossexual, descendente de europeus ocidentais e cristãos – foi consagrada como artífice da prosperidade material e financeira do capital (Araújo, 2016). Essa hierarquização não apenas organiza o campo musical, mas estabelece critérios de valor que atravessam também a produção de conhecimento sobre o sonoro.

Esse problema aparece também na dificuldade recorrente de definir o próprio samba. A conhecida resposta de Zeca Pagodinho – “é igual, mas é diferente” – evidencia o limite de classificações rígidas diante de práticas cujo sentido é vivido, e não apenas conceituado. Mais do que uma anedota, essa formulação aponta para a inadequação de categorias fixas para dar

conta de práticas que se constituem na experiência. Nesse contexto, a tentativa de nomear, classificar e separar diferentes formas de samba pode ser compreendida como parte de um processo mais amplo de controle e hierarquização dos sentidos.

É nessa arena de disputa que a Etnomusicologia se insere. A partir de uma abordagem interdisciplinar, o campo demonstra interesse pela diversidade sociocultural e política de grupos historicamente subalternizados, especialmente aqueles que enfrentam processos contínuos de expropriação territorial, patrimonial e simbólica (Lühning; Tugny, 2016). Assim, a Etnomusicologia assume também um papel político ao tensionar formas hegemônicas de produção de conhecimento e ao valorizar novas epistemologias. Como apontam Lühning e Tugny (2016), os desafios atuais do campo envolvem não apenas compreender as transformações nas políticas públicas, mas “enfrentar a impossibilidade de seguir com os modelos clássicos de pesquisa etnomusicológica, bem como suas formas de representação e circulação de informações” (Lühning, Tugny, 2016, p. 26).

Esse movimento se intensifica com a presença crescente de jovens oriundos de contextos periféricos no interior da universidade, especialmente a partir das políticas de ações afirmativas. Ao reivindicarem seus lugares de fala, esses sujeitos tensionam quem pode produzir conhecimento e em nome de quem se fala, deslocando práticas consolidadas no campo acadêmico. Nesse cenário, áreas como a Etnomusicologia e a Linguística Aplicada indisciplinar se mostram particularmente potentes, ao possibilitarem abordagens que questionam e ampliam modelos interpretativos historicamente pautados por matrizes eurocêntricas (Lühning; Tugny, 2016).

Ao observar a produção acadêmica da área<sup>1</sup>, identificamos que o samba ocupa um lugar de destaque. A análise de edições da revista *Música e Cultura* (ABET) e de anais do ENABET revela recorrência do tema. Foi constatado, por exemplo, que a palavra “samba” aparece mais de 3000 vezes em anais de sete edições ENABET e que o tema é recorrente nas edições da revista *Música e Cultura*. Cabe apontar algumas regularidades na distribuição dessa produção. Entre os trabalhos que trazem o samba no título, há uma concentração

---

<sup>1</sup> O levantamento foi realizado a partir da análise das 14 edições da revista *Música e Cultura* da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET), publicadas entre 2006 e 2024, bem como dos anais de sete edições do Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ENABET). No caso da revista, foram selecionados trabalhos que continham a palavra “samba” ou termos correlatos, como “choro” e “batuque”, em seus títulos. Já nos anais do ENABET, devido ao maior volume de trabalhos, consideraram-se apenas aqueles que apresentavam especificamente a palavra “samba” no título. A partir desse recorte, foram identificadas as filiações institucionais dos autores, organizadas por estado, permitindo a construção dos dados apresentados na Tabela 2 e no Gráfico 1.

significativa de autores vinculados a instituições do Sudeste, especialmente do Rio de Janeiro, seguido por São Paulo e Bahia. Essa distribuição pode ser observada na Tabela 1, que sistematiza a quantidade de trabalhos por estado.

Quantidade de trabalhos publicados por estado
RJ: 9
SP: 6
BA: 5
RS: 5
MG: 4
CE: 2
SC: 2
ES: 1
PB: 1

Tabela 1: Trabalhos publicados na revista Música e Cultura da ABET que possuem a palavra “samba” ou semelhantes no título por Estado.

Essa concentração se torna ainda mais evidente quando observamos a distribuição por região. O Sudeste reúne mais da metade das publicações analisadas, enquanto regiões como Norte e Centro-Oeste não aparecem na amostra considerada, como indica o Gráfico 1.

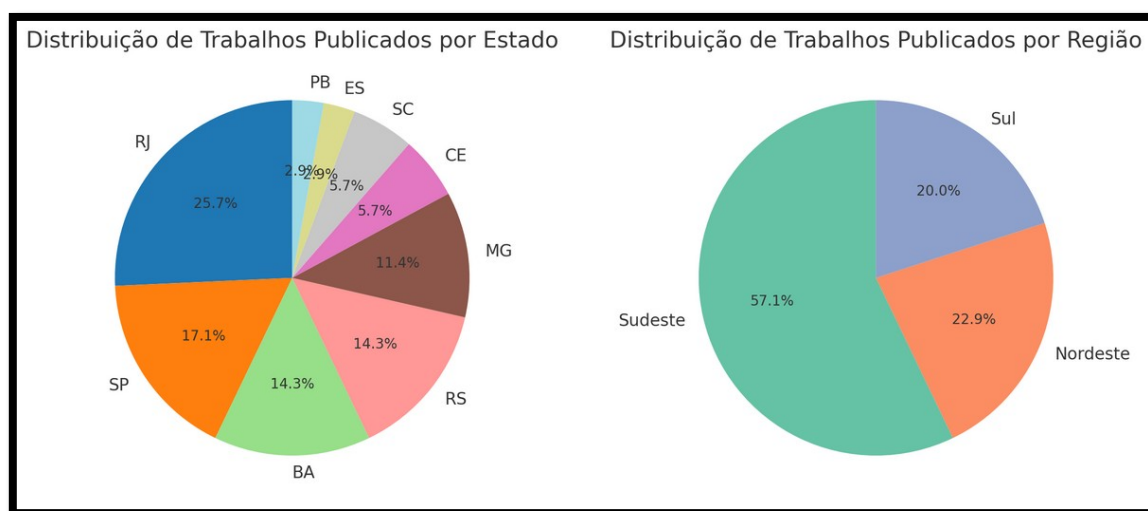


Gráfico 1: Percentual de trabalhos publicados na revista Música e Cultura da ABET que possuem a palavra “samba” ou semelhantes no título por Estado.

Esses dados sugerem, por um lado, a relação histórica entre o samba e determinados territórios, especialmente o Rio de Janeiro; por outro, evidenciam uma concentração regional na produção acadêmica que levanta questões sobre a circulação do conhecimento e a diversidade de perspectivas no campo. Mais do que indicar recorrência, a presença do samba

na Etnomusicologia aponta para seu papel como base a partir da qual diferentes discussões sobre cultura, música e sociedade vêm sendo articuladas. Os dados analisados sugerem, ainda, que essa produção se organiza de forma fortemente vinculada a determinados territórios, especialmente aqueles em que o samba se constitui como prática cultural historicamente enraizada, como é o caso do Rio de Janeiro e da Bahia.

Longe de indicar uma ausência de produção em outras regiões, essa distribuição parece refletir a relação entre práticas culturais específicas e seus contextos de desenvolvimento, evidenciando que o conhecimento produzido sobre o samba está profundamente ligado às experiências locais que o sustentam. Ao mesmo tempo, essa leitura exige cautela diante de qualquer tentativa de tratar o samba como unidade homogênea, uma vez que diferentes formas e tradições – atravessadas por histórias, corpos e territórios distintos – tensionam continuamente essa categoria.

Nesse quadro, o samba se firma como base de uma parcela significativa dos estudos etnomusicológicos no Brasil, assumindo um papel relativamente central. A partir dos pressupostos teóricos do campo, que tomam a música como prática situada, produzida em contexto, é possível identificar uma disputa em torno da própria categoria “samba”. Essa disputa se manifesta na tentativa de deslocar sentidos tradicionais do termo – frequentemente associados a perspectivas generalistas, bem como ao mito da democracia racial que o consagrou como símbolo nacional – em direção a compreensões mais vinculadas às experiências e práticas das populações que o produzem.

Pesquisas como a desenvolvida sobre o bloco Aventureiros do Leme, realizadas na favela, por moradores e com moradores, e impulsionadas, em muitos casos, por políticas de ação afirmativa, evidenciam esse movimento de deslocamento de sentidos. Trata-se de um processo que já se faz presente há algum tempo na Etnomusicologia e que, mais recentemente, passa a ganhar espaço também na Linguística Aplicada.

### **O samba na Linguística Aplicada: reconhecendo uma prática de linguagem**

Diferentemente do que se observa na Etnomusicologia, em que o samba se apresenta como base consolidada de reflexão, na Linguística Aplicada sua presença é mais recente e ainda em processo de constituição. Tradicionalmente voltada para o ensino e aprendizagem de línguas, a área passou, sobretudo a partir dos anos 2000, por um movimento de expansão de

seus objetos e perspectivas teóricas, incorporando práticas sociais diversas como formas legítimas de linguagem.

Nesse contexto, práticas culturais periféricas começam a ser reconhecidas não apenas como expressões artísticas, mas como espaços de produção de sentido, construção de identidade e inscrição de memória. Um marco importante desse deslocamento pode ser observado no trabalho de Adriana Carvalho Lopes (2009), que, ao analisar o funk carioca, demonstra como essa prática articula linguagem, território e identidade. Ao conjugar análise linguística e abordagem etnográfica, a autora evidencia que essas expressões não apenas comunicam, mas constituem formas específicas de significar a experiência.

Esse movimento contribui para ampliar o entendimento de linguagem na Linguística Aplicada, deslocando o foco de sistemas abstratos para práticas situadas. Nessa perspectiva, práticas como o funk, o hip-hop e o samba passam a ser compreendidas como formas de linguagem que se realizam no corpo, na voz e na coletividade, tensionando fronteiras entre oralidade e escrita, entre arte e comunicação, entre cultura e conhecimento. Apesar desse avanço, a presença do samba na produção da área ainda é limitada. Um levantamento nas edições da Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), desde sua criação em 2001 até publicações recentes, indica que o termo aparece de forma pontual, sendo raramente tematizado como foco central das análises. Esse dado não indica ausência de interesse, mas revela que a incorporação do samba como prática de linguagem ainda está em processo de construção no campo.

Essa presença tímida se articula, por outro lado, ao crescimento dos estudos sobre letramento em perspectiva crítica e situada. Nessa abordagem, o letramento deixa de ser entendido como simples domínio técnico da leitura e da escrita e passa a ser compreendido como prática social, situada em contextos culturais, políticos e econômicos (Street, 1984; Hamilton, 2000). O que está em jogo não é apenas saber ler e escrever, mas compreender o que se faz com a linguagem na vida social. Nessa direção, a leitura deixa de ser compreendida como um processo de decodificação e passa a ser entendida como prática situada, atravessada por contextos sociais, culturais e políticos. O ato de ler – assim como o de narrar – envolve formas de performance, nas quais sujeitos produzem sentidos ao mesmo tempo em que se constituem na própria experiência de linguagem.

Esse entendimento se amplia quando consideramos produções que emergem de contextos periféricos e afrodiaspóricos. Estudos sobre hip-hop, por exemplo, têm

demonstrado como essas práticas funcionam como agências de letramento, nas quais sujeitos desenvolvem formas específicas de leitura e escrita articuladas às suas experiências sociais (Souza, 2009). Nesses contextos, o uso da linguagem está diretamente ligado a processos de afirmação, resistência e produção de conhecimento, o que tem sido conceituado por Ana Lúcia Silva Souza como letramentos de reexistência.

Na própria Revista Brasileira de Linguística Aplicada, esse movimento começa a ganhar maior visibilidade em edições mais recentes, como o dossiê “Transperiferias” (2023), que reúne trabalhos voltados a práticas culturais periféricas, como o graffiti, o hip-hop e os saraus. Nessas abordagens, a linguagem é compreendida como prática situada e performativa, na qual narrar não se limita a relatar eventos, mas envolve a construção de si na própria experiência de narrar (Lopes; Tavares, 2023).

Reconhecer o samba como prática de letramento implica, portanto, deslocar o olhar do texto para a prática, do registro para a experiência, da representação para a inscrição. Mais do que um objeto a ser analisado, trata-se de uma forma de produzir conhecimento, na qual sujeitos não apenas narram suas histórias, mas se constituem na própria performance de narrá-las. É nessa perspectiva que a aproximação entre Linguística Aplicada e Etnomusicologia se mostra particularmente produtiva, ao permitir compreender o samba não apenas como expressão cultural, mas como prática situada de linguagem, memória e existência. Esse deslocamento ganha contornos mais concretos quando observado em experiências específicas, como a do bloco Aventureiros do Leme, onde essas práticas se realizam no cotidiano.

No caso do bloco Aventureiros do Leme, o samba não aparece como objeto externo de análise, mas como prática vivida, na qual linguagem, memória e experiência se entrelaçam. Ao acompanhar suas histórias, suas músicas e as experiências narradas por seus participantes, não se trata apenas de descrever uma expressão cultural, mas de observar como, no interior dessas práticas, se produzem sentidos, se organizam saberes e se atualizam formas de existência.

### **O Aventureiros do Leme: samba, memória e mutirão como prática de linguagem**

Ao nos aproximarmos do bloco Aventureiros do Leme, partimos do pressuposto de que as narrativas mobilizadas nesta pesquisa não operam como simples representações de uma realidade previamente dada, mas como práticas que produzem sentidos no próprio ato de narrar. Nessa direção, dialogamos com a noção de performance narrativa, compreendendo que

narrar constitui uma forma de ação situada, na qual sujeitos constroem significados sobre si, sobre os outros e sobre o mundo na própria experiência de linguagem. Como argumentam Lopes e Tavares (2023), ao narrar suas histórias, as pessoas não apenas relatam eventos, mas se envolvem na performance de quem são no processo de narrar.

Assumir essa perspectiva implica reconhecer que a produção do conhecimento não se dá à distância, mas na relação, na escuta e na implicação com aqueles que participam dessas práticas. Nesse movimento, as narrativas aqui mobilizadas – incluindo a minha própria – não são tratadas como dados a serem extraídos, mas como formas de conhecimento produzidas por sujeitos que narram, cantam, lembram e interpretam suas experiências.

Trata-se, portanto, de acompanhar essas práticas sem reduzir seus participantes à condição de objeto, mas reconhecendo-os como produtores de saber, ao mesmo tempo em que a própria escrita se constitui como parte dessa prática. É nesse plano que os sambas do Aventureiros do Leme deixam de ser apenas músicas e passam a operar como narrativas vividas, nas quais memória, trabalho e coletividade se inscrevem. Um exemplo disso pode ser encontrado no samba “Mutirão”, composto por Luiz Henrique e Gibeon de Brito para o carnaval de 1986:

Dia a dia, a nossa gente trabalhava sem parar / Lazer lá na favela não havia / Com alegria hoje vamos recordar / Conta vovó, que é uma vida verdadeira / É aquela que o povo se faz feliz / Em união vencendo barreiras / Lata d’água na cabeça / Lamparina clareava / Para cozinhar feijão / Era lenha que eu pegava (e muito!) / E muito, nosso povo batalhou / Para o morro ter progresso, tudo em mutirão se organizou / E colorindo de tijolo o cenário / Veio a luz, chegou a água / Numa grande evolução / E de repente o povo descobriu / A esperança que havia / Da ferramenta se esqueceu / E o aventureiro então surgiu / Do mutirão à poesia / Um grande amor também se faz num dia / É a pá, é picareta / É enxada e o goró / Moços, velhos e crianças / Por um mundo bem melhor (Composição de Luiz Henrique e Gibeon de Brito para o carnaval de 1986).

Lembro com muito gosto da primeira vez que ouvi esse samba. Gilberto Chinês, sambista nascido e criado no Morro da Babilônia, foi quem cantou para mim. Com os olhos arregalados, um sorriso no rosto e as mãos em movimento – como se tocasse um surdo de marcação invisível – ele dizia: “essa é a história do morro”. Não era apenas uma canção: era uma narrativa encarnada, feita de gesto, voz e memória. Foi nesse encontro, durante um samba em um dia comum no Morro da Babilônia – onde moro e escrevo este texto – que surgiu a vontade de pesquisar o bloco Aventureiros do Leme.

O bloco Aventureiros do Leme foi fundado em 1978, nas favelas Chapéu Mangueira e Babilônia, situadas na zona sul do Rio de Janeiro. Essas comunidades vizinhas compartilham

o mesmo morro e o principal acesso – a Ladeira Ary Barroso –, mas passaram por processos de desenvolvimento distintos, marcados por tensões políticas e sociais. Gibeon de Brito, que, além de compositor, foi presidente da Associação de Moradores do Chapéu Mangueira e Babilônia, relatou, em entrevista, que o Chapéu Mangueira era como um pequeno quilombo, pois, apesar de seu tamanho reduzido, desempenhou um papel significativo no desenvolvimento comunitário da região e na constituição da Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (FAFERJ), por meio da atuação de lideranças como Benedita da Silva.

Na favela da Babilônia, por outro lado, o militarismo se fazia mais presente. Gibeon de Brito relatou, inclusive, que havia famílias naturais do local diretamente ligadas à Ditadura Militar no Brasil, que forneciam informações ao Exército. A partir da década de 1980, facções criminosas distintas passaram a ocupar o Chapéu Mangueira e a Babilônia, intensificando a separação entre as comunidades. Clara Polycarpo (2026) afirma que práticas como o samba e o futebol foram fundamentais para tensionar essas divisões, criando espaços de encontro nos quais as diferenças eram momentaneamente suspensas. O samba “Avante Aventureiros”, composto por Niltola, retrata tal situação:

O samba nasceu no alto do morro / Sabemos disso não devemos discutir / Nós somos do Chapéu Mangueira e Babilônia / Sem essa de querer nos dividir / Não adianta discutir / Não adianta reclamar / Buchicho em nossa quadra não leva a nada / Queremos que você venha se alegrar / Avante Aventureiro / Avante Aventureiro / Vamos dar as mãos / Vamos dar as mãos / Ser campeões e o primeiro (Composição de Niltola).

Apesar de ter desempenhado um papel central no desenvolvimento das favelas em questão, a história do bloco Aventureiros do Leme não se encontra sistematizada em registros escritos. Ela circula nas conversas, nas lembranças dos moradores e, sobretudo, nas composições. É pelas músicas que essa história se atualiza. O samba “Mutirão” é exemplar nesse sentido. Nele, o trabalho coletivo aparece não apenas como tema, mas como forma de organização da vida: “tudo em mutirão se organizou”. Como me contou Gibeon de Brito, um de seus compositores, essa foi uma das músicas mais rápidas de escrever, justamente porque tratava de algo vivido cotidianamente. O mutirão não era metáfora – era prática. “Avante Aventureiro”, por sua vez, retrata o momento seguinte, em que o samba se funciona como ferramenta de união entre as favelas.

Portanto, o Aventureiros do Leme não pode ser compreendido apenas como um bloco carnavalesco, mas como uma prática coletiva que articula memórias e formas de convivência.

Mais do que descrever um modo de trabalho, o samba inscreve uma forma de existência. Versos como “lata d’água na cabeça”, “lâmparina clareava” e “é a pá, é picareta, é enxada e o goró” não apenas narram um passado, mas reativam uma memória coletiva que se realiza na performance. Contar histórias por meio de músicas é mais do que relatar acontecimentos: envolve a construção de si e de uma comunidade na própria experiência de narrar, atravessando corpo, voz, gesto e som. É nesse sentido que o samba pode ser compreendido como prática de linguagem.

Essa compreensão exige, também, atenção ao que entendemos por samba, que, nesta pesquisa, é observado como uma cultura afrodiaspórica, cuja constituição não pode ser dissociada dos processos históricos de deslocamento, resistência e criação das populações negras no Brasil. Como aponta Lélia Gonzalez (1988), essas práticas foram sistematicamente recalçadas por classificações eurocêtricas que as reduziram à “cultura popular” ou ao “folclore”, invisibilizando sua densidade histórica e política. Ao mesmo tempo, como demonstra Muniz Sodré (2002), o samba foi apropriado como símbolo nacional, tensionando constantemente seus sentidos e usos.

Observar o samba como cultura afrodiaspórica implica, necessariamente, compreendê-lo como uma prática coletiva que, em sua origem, não toma a escrita manuscrita ou impressa como meio primordial de inscrição e disseminação de seus múltiplos saberes. Esses saberes foram recriados e transmitidos por outras vias que não aquelas figuradas pela escritura, dentre elas as “inscrições oral e corporal, grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que no corpo e na voz se repete é também uma episteme” (Martins, 2021, p. 22-23).

No caso do bloco Aventureiros do Leme, essa dimensão se manifesta tanto na forma quanto no conteúdo. A bateria, por exemplo, reconhecida pelos próprios moradores como uma das mais marcantes do período, incorporava influências diversas, como o samba-reggae, evidenciando que o samba não é uma forma fixa, mas um campo em constante transformação. Ao mesmo tempo, sua estrutura rítmica e poética articula temporalidades que não se organizam de maneira linear, mas retornam, se refazem e se atualizam.

É nesse ponto que contribuições como as de Leda Maria Martins ajudam a aprofundar a análise. Ao propor a noção de oralitura, a autora nos permite compreender essas práticas como formas de inscrição da memória que se realizam no corpo e na performance. No Aventureiros, as histórias do mutirão, do trabalho coletivo e da vida no morro são centrais não

apenas como lembranças, mas como práticas em execução. Ainda hoje, a coletividade se faz presente nas favelas; trata-se de uma tradição que atualiza um tempo simultaneamente passado, presente e aberto à possibilidade de futuro.

Sob essa ótica, o samba pode ser compreendido como aquilo que Muniz Sodré (2002) denomina “sambé”: uma forma de linguagem que articula oralidade, corporeidade e memória: “o sambé é o modo afro-brasileiro de dar corpo à linguagem” (Sodré, 2002, p. 58). Mais do que música, trata-se de um modo de produzir sentido e conhecimento, no qual linguagem e vida não se separam. Ao nomear essa prática, Muniz Sodré e Leda Maria Martins realizam um gesto comum: produzem conceitos que não apenas descrevem, mas intervêm nas formas de compreender essas experiências reconhecendo epistemologias que têm a música como fio condutor.

A partir de um trecho de samba e da forma como ele foi performado por Gilberto Chinês, foi possível acessar parte da história da comunidade onde vivo. Esse movimento evidencia que práticas como o samba não apenas expressam experiências, mas constituem modos de conhecê-las. É nesse sentido que a aproximação entre Linguística Aplicada e Etnomusicologia se mostra produtiva: ao considerar linguagem e música como práticas situadas, essas áreas permitem compreender o samba não apenas como objeto cultural, mas como forma de inscrição de memória, produção de conhecimento e construção de existência.

O bloco Aventureiros do Leme encerrou suas atividades na década de 1990, em razão de problemas de gestão, do aumento significativo do número de igrejas evangélicas nas favelas e da expansão do tráfico de drogas. Diversos moradores do Chapéu Mangueira e da Babilônia relatam que o bloco foi o principal meio de produção e circulação de cultura e lazer na comunidade, tendo sido fundado a partir de uma de suas principais tradições: o mutirão. Como expressa o samba – “Lazer lá na favela não havia / Com alegria hoje vamos recordar / Conta vovó, que é uma vida verdadeira / É aquela que o povo se faz feliz / Em união vencendo barreiras” –, trata-se de uma história cantada da favela.

Em 2026, foi fundado um novo bloco, denominado Foliões do Leme, com o objetivo de resgatar essa tradição. No entanto, persistem diversos desafios, entre eles questões financeiras e geracionais, uma vez que, segundo os moradores, as novas gerações não herdaram essa prática. Pesquisas como esta, realizadas por e com moradores da comunidade, podem contribuir para a manutenção e atualização dessa história.

## Considerações Finais

Ao longo deste artigo, propusemos uma aproximação entre a Etnomusicologia e a Linguística Aplicada a partir da análise do samba em contexto comunitário, tomando como eixo a experiência do bloco Aventureiros do Leme. Para isso, mobilizamos a noção de confluência como chave teórico-metodológica, entendendo que ela permite pensar os encontros entre campos não como simples interfaces entre áreas previamente delimitadas, mas como processos de transformação mútua, nos quais os saberes se ampliam, se tensionam e se refazem na prática.

A escolha do termo confluência, inspirada em Nego Bispo, não é apenas terminológica, mas política e epistemológica. Ao tensionar categorias como “interface”, buscamos deslocar formas de pensamento que tendem a separar, hierarquizar e estabilizar os campos do conhecimento, em direção a uma perspectiva que reconhece a produção de saber como dinâmica, situada e atravessada por disputas de sentido. Nesse movimento, a linguagem deixa de ser compreendida como instrumento neutro e passa a ser entendida como campo de disputa, no qual se definem quais práticas, sujeitos e formas de conhecimento são legitimados.

Essas disputas atravessam tanto a Etnomusicologia quanto a Linguística Aplicada. Em ambos os campos, observam-se desafios relacionados à hierarquização de conceitos, à centralidade da escrita como forma privilegiada de conhecimento, à permanência de matrizes eurocêntricas e à própria tradição acadêmica que historicamente deslegitimou saberes produzidos em contextos indígenas, negros e periféricos. Ao mesmo tempo, é justamente no interior desses campos que emergem movimentos de deslocamento, impulsionados por perspectivas de/pós/decoloniais, por políticas de ação afirmativa e pela presença crescente de sujeitos historicamente subalternizados na universidade.

Nesse cenário, os dados apresentados ao longo do artigo cumprem um papel fundamental. Ao evidenciar a centralidade do samba na produção etnomusicológica – tanto pela recorrência do termo em anais do ENABET quanto pela presença significativa em periódicos da área –, demonstramos como essa prática se constitui como base de reflexão no campo. Por outro lado, ao observar sua presença ainda incipiente na Linguística Aplicada, indicamos um movimento recente de reconhecimento do samba – e de outras práticas afrodiaspóricas – como formas legítimas de linguagem, especialmente no contexto de

abordagens indisciplinadas que ampliam a noção de letramento e de produção de conhecimento.

A aproximação entre os campos se concretiza, neste artigo, por meio de uma abordagem etnográfica, que toma a experiência vivida como dimensão central da análise. A escolha pela performance narrativa como ferramenta metodológica permitiu compreender que narrar, cantar e lembrar não são apenas formas de representação, mas práticas de produção de sentido e de constituição de sujeitos. Nesse contexto, a utilização da primeira pessoa não se configura como desvio metodológico, mas como parte constitutiva da própria pesquisa, uma vez que a inserção do autor no campo – enquanto morador e participante – é condição para acessar determinadas experiências e formas de conhecimento. Do mesmo modo, a tomada das letras de samba como fonte não se restringe a um procedimento analítico, mas reconhece essas produções como formas legítimas de inscrição histórica e de elaboração de memória.

Nesse sentido, o mutirão emerge como elemento central da análise, funcionando como fio condutor da interpretação da história das favelas pois, aparece recorrente nas narrativas e composições do Aventureiros do Leme. O mutirão se apresenta como prática que articula trabalho, memória e coletividade em uma lógica que escapa às dicotomias tradicionais entre teoria e prática. Como diz a música “tudo em mutirão se organizou”, inclusive o samba.

Por fim, reafirmamos que o objetivo deste artigo foi propor uma aproximação entre a Etnomusicologia e a Linguística Aplicada, especialmente em pesquisas que tratam de práticas culturais afrodiáspóricas. Ao longo da análise, evidenciamos que, apesar de suas diferenças históricas e institucionais, ambos os campos compartilham potências epistêmicas que permitem tensionar formas hegemônicas de produção de conhecimento e reconhecer práticas como o samba como modos legítimos de linguagem, memória e existência. Mais do que aproximar áreas, trata-se, portanto, de contribuir para a construção de outras formas de pensar o conhecimento – formas que, assim como o samba, se fazem no encontro, na prática e na coletividade.

## Referências

Anais do VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, 27-31 maio, 2013, João Pessoa, Paraíba / organizadores: Carlos Sandroni e Alice Lumi Satomi. – João Pessoa: UFPB, 2013.

Anais do VII ENABET [recurso eletrônico] / VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia; organizadora, María Eugenia Domínguez. – Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2015.

Anais do VIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia -- VIII ENABET [recurso eletrônico] / Luciana Prass, Vincenzo Cambria, Edilberto Fonseca (org.). -- Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017.

Anais do X ENABET | Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Anais. Porto Alegre (RS) UFRGS, 2021.

Anais do XI ENABET [recurso eletrônico] / VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, Porto Alegre, 2023.

ARAÚJO, Samuel. *Etnomusicologia e Debate Público sobre a Música no Brasil Hoje: Polifonia ou Cacofonia?*. Música e Cultura, vol. 6, p. 15-2, 2011.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor. In: Escritos sobre mito e linguagem*. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011. p. 101-119.

BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BISPO, dos Santos, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CAMBRIA, Vincenzo. *Samuel Araújo e a internacionalização da etnomusicologia brasileira: um diálogo em forma de entrevista*, Rio de Janeiro, Revista Brasileira De Música – Programa De Pós-Graduação Em Música – Escola De Música Da UFRJ v. 30, n.1, p. 185-211, Jan./Jun. 2017.

GILROY, Paul, *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. *De Palmares às escolas de samba*, Jornal Mulherio, Rio de Janeiro, ano II, nº 5, janeiro/fevereiro, 1982.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* / Stuart Hall; Organização Liv Sovik, Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAMILTON, M. *Explorando letramentos situados*. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Orgs.). *Situated literacies*. London: Routledge, 2000.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*, cadernos pagu, 1995.

LOPES, Adriana Carvalho. *A favela tem nome próprio: a (re)significação do local na linguagem do funk carioca*, Belo Horizonte, Rev.. Brasileira de Linguística Aplicada v. 9 n. 2 (2009).

LOPES, Adriana Carvalho. et al. (Orgs.) *Desregulamentando dicotomias: transletramentos, sobrevivências, nascimentos*. Trab. Ling. Aplic., Campinas, v. 56, n. 3, p. 756-780, set./dez. 2017.

LOPES, Adriana Carvalho; Tavares, Janaina Coutinho. *Memórias de um sarau periférico: sobrevivência e esperança dos fazeres culturais e de pesquisa na Baixada Fluminense*, Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 23, n. 3, 2023.

LOPES, Adriana de Carvalho, *Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca* / Adriana de Carvalho Lopes. - 1.ed. - Rio de Janeiro, Bom Texto, FAPERJ, 2011.

LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (orgs.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto*. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.

Marcuse, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional*, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela [recurso eletrônico]*/ Leda Maria Martins. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. recurso digital; 3M (Encruzilhada).

MERRIAM, Alan. *The Anthropology of Music* Evanston. USA Northwestern University 1964.

MIGNOLO, Walter. *Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica*”. En Boaventura de Sousa Santos (ed.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ‘ciências’ revistado* (pp. 631-671). Lisboa: Edições Afrontamento, (2003).

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Os espaçotempos da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada*, Caderno de Letras, Pelotas, n. 40, pp.11-33, maio-agosto 2021.

Moita Lopes, p. 19, em *Por uma linguística aplicada indisciplinar* — São Paulo: Parábola, 2006.

POLYCARPO, Clara. *Favelas Chapéu-Mangueira e Babilônia*. Dicionário de Favelas Marielle Franco, online, última modificação em 9 de março de 2026, às 13h47min. Disponível em: <[https://wikifavelas.com.br/index.php/Comunidade\\_chamada\\_Chap%C3%A9u\\_Mangueira](https://wikifavelas.com.br/index.php/Comunidade_chamada_Chap%C3%A9u_Mangueira)> Acesso em 20. Abr. 2026.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. En libro: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

SEEGER, Anthony. *Ethnography of Music*. In Myers, Helen. *Ethnomusicology - an introduction*. Londres, The MacMillan Press, 1992.

SODRÉ, Muniz. *Samba: o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop* / Ana Lúcia Silva Souza. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

STREET, Brian. V. *Literacy in theory an practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

WITTGENSTEIN, Ludwig, *Investigações filosóficas*, [livro eletrônico] São Paulo, SP, Fósforo, 2022.